



PAIXÃO *por* JESUS

Cultivando um amor extravagante por Deus



MIKE BICKLE

PAIXÃO *por* JESUS

Cultivando um amor extravagante por Deus

MIKE BICKLE

AS RAÍZES DO ZELO HUMANO

“Vamos, Rocky! Vamos... 492, 493, 494...” Eu podia ouvir a voz rouca do meu pai encorajando-me e sentir suas mãos grossas segurando meus tornozelos, mantendo minhas panturrilhas firmemente pressionadas contra o chão.

“Você consegue... 496, 497, 498... Muito bem, filho! Quinhentos! Você conseguiu de novo! Um dia, você será um campeão olímpico. Todo esse trabalho árduo está começando a surtir efeito. Venha, filho, vou ajudá-lo a se levantar”.

Seus braços enormes, duros como o ferro, abraçaram-me até eu quase perder o fôlego. Podia sentir suas mãos ásperas no meu rosto, seus olhos sorridentes brilhando enquanto ele me olhava e exclamava: “Você tem oito anos de idade e já está fazendo 500 abdominais e centenas de flexões todos os dias! Os caras da Taverna do Waldo estão certos: com certeza, você será um campeão de boxe como eu”.

Passados dez anos, enquanto eu lia sobre a morte súbita do meu pai na primeira página do Kansas City Times, na edição de 29 de maio de 1974, uma lágrima caiu sobre a página do jornal. Enxugando os olhos com as costas da mão, continuei lendo. O artigo começava citando dois parágrafos de outro que fora publicado 26 anos antes no Times, em 12 de fevereiro de 1948.

Uma das maiores viradas na história do 13º Torneio de Campeões Luvas de Ouro aconteceu ontem à noite. Bobby Bickle, aluno do último ano da Escola de Ensino Médio de Hoisington, no Kansas, se levantou do chão no segundo *round* para conquistar uma vitória merecida sobre Harold Stewart, em meio à excitação desenfreada de, aproximadamente, sete mil torcedores.

O repórter continuou seu artigo:

Bobby Bickle era o tipo de homem que se recusava a ficar caído. Em 1948, ele jejuou tanto para conseguir se classificar na categoria peso pena que desmaiou duas vezes durante a pesagem. Então, estonteado por um soco, ele se levantou do chão do ringue e continuou a lutar, arrastando-se até a vitória. Ele perdeu nas finais, mas recebeu o prêmio de desportismo do 13º Torneio Anual de Campeões. Como peso leve, Bobby Bickle conseguiu classificar-se para o Campeonato Luvas de Ouro de Kansas City, o Campeonato Americano e, finalmente, o Internacional.

Ontem, Bobby Bickle faleceu aos 45 anos, ao que parece, de um infarto.

Mais uma vez, as palavras se dissolveram diante dos meus olhos embaçados pelas lágrimas. Morto. A pessoa que eu mais amava neste mundo havia partido, mas deixara um legado excepcional!

A manchete do jornal naquele dia dissera tudo: “Bob Bickle, Campeão da Coragem”. Sim, esse era o meu pai. Ele estava longe de ser um homem perfeito e tinha muitos defeitos. Como um jovem poderoso boxeador amador, ele

era conhecido por sua disciplina e devoção incomum ao esporte. Seu objetivo era ganhar a medalha de ouro nas Olimpíadas. Consumido pelo zelo e pelo compromisso com o esporte que ele tanto amava, costumava treinar horas por dia.

Não lembro se foi em 1950 ou 1951 o ano no qual ele se tornou o campeão mundial de boxe amador enquanto servia o exército. Durante as Olimpíadas de 1952, em Helsinki, na Finlândia, ele participou de uma competição. Uma noite, antes de sua luta contra o italiano Aureliano Bolognesi, o qual ganhou a medalha de ouro na categoria peso leve, meu pai quebrou a mão direita durante uma briga em um bar. Desgostoso consigo mesmo por ter permitido que algo assim acontecesse, mas furiosamente determinado a alcançar seu objetivo, lutou, mesmo assim, no dia seguinte. Durante anos, ouvi seus amigos enaltecendo aquela luta e escutava abismado suas descrições detalhadas de como meu pai havia derrubado seu oponente três vezes em um único *round*.

O fato de não ter conseguido alcançar seu sonho de obter uma medalha de ouro nas Olimpíadas não o deixara derrotado nem roubara seu zelo. Com cerca de 20 anos, ele lutava profissionalmente e treinava de seis a oito horas diárias, além de trabalhar em uma fábrica da Chevrolet. Ele era um homem de zelo e foco incomuns.

Coloquei o jornal na mesa da cozinha e me sentei sozinho com meus pensamentos. Fui inundado por emoções enquanto imaginava a figura de meu pai: seu sorriso contagiante; o nariz quebrado e colocado no lugar tantas vezes que jamais voltara a ser reto; as sobrancelhas grossas e cheias de cicatrizes, abertas com tanta frequência que ele já não precisava de anestesia quando levava pontos, pois não tinha nervos nem sentia mais nada ali; aquele pescoço

grosso; aqueles braços, sólidos como rochas, que haviam me abraçado milhares de vezes.

O fato de papai ter sido muito afetuoso comigo marcou minha infância e minha juventude. Ele amava cada um dos sete filhos; estava sempre acariciando meu rosto e brincando de luta comigo. Ele sempre beijava suas crianças e era incrível. Eu adorava isso!

Vasculhando minhas memórias mais longínquas, lembro-me do meu pai me dizendo, aos quatro anos, quão grande eu seria um dia. Ele me apoiava 100%, e eu podia sentir isso. Era fácil me recuperar quando eu fracassava porque ele sempre me apoiava. Ele era o meu maior fã.

Quando completei cinco anos, meu pai começou a me encorajar a ir às Olimpíadas. Eu era pequeno demais para saber o que significava participar de uma competição dessa magnitude, mas a ideia o fascinava – por isso, a mim também. Ele me contava histórias sobre Jack Dempsey e Floyd Patterson, seus companheiros de boxe e campeões mundiais dos pesos pesados. Papai me chamava de “Rocky” em homenagem ao grande lutador Rocky Marciano. Comecei a ser treinado por ele aos seis anos e aos oito já praticava várias horas por dia. Ser atleta parecia natural para mim.

Aos dez anos, meu treino diário incluía correr muitos quilômetros, além de fazer 500 flexões e abdominais. Por causa de todo esse exercício, bati diversos recordes em várias modalidades atléticas desde os dias da escola primária até o Ensino Médio.

Realizar os propósitos do meu pai não parecia ser um fardo para mim. Eu não precisava me esforçar para deixá-lo feliz. Tinha plena confiança na sua satisfação para comigo e não gostaria de fracassar aos seus olhos. Eu gostava tanto

de estar em sua presença que os seus objetivos se tornaram também os meus e queria ser tal como ele era. Todavia, depois de treinar para me tornar um boxeador desde a infância, mudei de ideia aos 14 anos e decidi jogar futebol americano. Imediatamente, papai disse: “Isso é ótimo, filho. Faça o que estiver em seu coração”.

Nós tínhamos uma amizade profunda, cheia de afeto e estima mútuos, e eu podia sentir a confiança que ele depositava em mim. Ele comparecia a todos os meus jogos e, se eu estivesse em campo, sentava nas arquibancadas. No segundo ano do Ensino Médio, joguei nos times de futebol americano dos juniores e dos veteranos. Eram três partidas por semana, e meu pai nunca perdia uma delas; ele assistia até aos treinos vespertinos. Seu comprometimento com meu irmão menor, Pat, e eu era óbvio para todos que o conheciam. Nós três éramos inseparáveis. Quando eu tinha sete anos, papai começou a trabalhar como pintor de paredes. Durante anos, nos fins de semana e nas férias de verão, eu e meu irmão o acompanhávamos, ajudando-o a lixar a tinta velha das paredes das casas que ia pintar. No fim do dia, limpávamos seus pincéis ou o ajudávamos de outras maneiras. Desde quando éramos muito pequenos, papai nos levava aos bares nos fins de semana. Ele amava estar cercado de pessoas; estava sempre sorrindo, contando piadas e causando uma grande comoção nos bares. Por viver no mundo do boxe, os homens com quem ele se relacionava eram bastante rudes. Alguns de seus amigos pareciam mafiosos e muitos deles, os quais conheci pessoalmente, foram mortos no submundo do crime.

Eles eram amigos de meu pai e meus também. Ali estava eu, um menino de dez anos passeando pelos bares, saudando sujeitos de 20 a 40 anos mais velhos e chamando-os pelo

primeiro nome. “Ei, Jim!”. “Oi, Bill”. “É isso aí, Orville!”. Eu era um deles! Eles me contavam muitas das velhas histórias de boxe de Bobby Bickle, e eu gostava quando as garçonetes me paparicavam e me davam refrigerantes grátis. Pat, papai e eu nos divertíamos juntos nos bares jogando *shuffleboard*,¹ sinuca e ouvindo música no *jukebox*² aos sábados.

Embora meu irmão e eu também apreciássemos estar na Taverna do Waldo, o lugar que mais frequentávamos era o bar VFW, um prédio sombrio de concreto onde cabiam cerca de cem pessoas. Eu adorava o peixe frito que eles serviam às sextas-feiras à noite.

À medida que atravessávamos o estacionamento de brita, o ar – sempre carregado do cheiro de peixe e da fumaça de cigarro – ia se enchendo das gargalhadas ruidosas, do barulho das pessoas jogando sinuca e da música do *jukebox*. O volume do som sempre parecia aumentar quando meu pai entrava pela porta. Seus amigos eram trabalhadores da fábrica, sujeitos tatuados que lembravam motoristas de caminhão.

Ninguém incomodava o meu pai. Ele era a pessoa mais forte daquele ambiente e a “vida” da festa. As pessoas o respeitavam por seus 18 anos de boxe e por todos os títulos conquistados nos campeonatos.

Apesar da minha família não frequentar uma igreja, aos 14 anos, algo começou a borbulhar dentro de mim. Eu havia contemplado as estrelas muitas vezes e sentido a necessidade de conhecer Aquele que estava por trás das maravilhas do céu. Eu olhava para cima e murmurava: “Deve haver um Deus”. Um dia, me aproximei do meu pai e lhe fiz um pedido incomum: “Pai, quero me converter a uma religião”.

“Isso é bom”, ele respondeu. “Eu mesmo pensei em fazer isso quando era jovem”. Pude perceber que ele estava pensando no assunto e ele logo completou: “Se eu fosse você, me tornaria um judeu ou um católico”.

“Por quê?”, indaguei curioso.

“Os judeus são mais ricos; os católicos, contudo, são mais numerosos e mais poderosos em termos de influência social no mundo todo. Qualquer uma dessas duas religiões seria uma boa escolha”.

Pensei por um momento e respondi: “Já decidi. Quero ser um judeu”.

Ele sorriu e disse: “Se eu pudesse voltar no tempo, faria a mesma escolha”.

“Pai, como faço para ser um judeu?”

“Pesquise na enciclopédia sob o título **judaísmo**”, Ele me aconselhou “Tome notas e depois venha conversar comigo de novo”.

Escrevi um pequeno relatório e o mostrei ao meu pai que ficou entusiasmado. “Muito bom, Mike”, ele disse. “Agora vá à sinagoga no fim da rua, apresente-se e diga a eles que você deseja tornar-se um judeu”.

Entrei na sinagoga no meio do serviço de sábado e percebi que eu era o único a não usar um chapeuzinho (ou *yarmulke*³). No final, aproximei-me do rabino e me apresentei.

“Olá”, eu disse, estendendo a mão. “Meu nome é Mike Bickle, tenho 14 anos e gostaria de me tornar um judeu. O que devo fazer?”

Não me lembro da resposta, mas ele não pareceu empolgado com minha decisão, e não transmitiu muita simpatia. Então, um pouco desapontado, procurei meu pai e disse: “Não acho que eles realmente queiram que eu me filie, então, serei católico”.

Voltei à enciclopédia, li sobre o catolicismo e escrevi outro relatório para o meu pai. No domingo, atravessei nosso bairro pobre e degradado até chegar à igreja católica. Assim que a missa terminou, dirigi-me à frente do santuário, passei pela balaustrada do transepto⁴ e entrei pela porta lateral que ficava logo atrás do púlpito. Apertei a mão do padre e disse: “Meu nome é Mike Bickle, tenho 14 anos e gostaria de ser católico”.

Colocando o braço ao redor do meu pescoço, o padre disse: “Filho, essa é uma ótima decisão! Vou ajudá-lo!”.

O entusiasmo do padre Minges me encorajou. Ele me fez sentir-me à vontade na paróquia de Santo Agostinho e encontrou-se comigo no presbitério, por cerca de uma hora, para me ensinar sobre a fé católica. Por cerca de um ano, nós nos reuníamos quase todos os sábados à tarde. A cada informação que ele me dava, eu tinha mais 10 perguntas sobre Deus, a Bíblia e o catolicismo. Depois de alguns meses, o padre decidiu que eu estava pronto para me tornar oficialmente um católico, então, fui batizado e crismado.

Eu estava no segundo ano do Ensino Médio quando o técnico do time de veteranos, Duane Unruh, me convidou para participar de um estudo bíblico em sua casa.

“Você vai gostar”, ele disse. “Outros rapazes do time de futebol americano são membros da Sociedade de Atletas Cristãos, e eles também estarão lá”.

Em junho de 1971, pouco antes de completar 16 anos, meu técnico pagou minha inscrição no retiro cristão de verão no Parque Estes, no Colorado. Ele sabia que meus pais não podiam custear um retiro de esportes de uma semana. Roger Staubach, o famoso *quarterback* do Dallas Cowboys, seria o principal palestrante. Na noite em que eu embarquei no ônibus que transportaria cerca de 50 adolescentes de Kansas City ao retiro, meu pai me deu uma caixa de cerveja.

“Aqui, filho. Você vai precisar disso”.

Compartilhei as cervejas com os outros rapazes durante a viagem que durou a noite toda.

Roger Staubach palestrava durante as sessões noturnas e jogava com os adolescentes à tarde. Ele impactou profundamente meu coração jovem ao falar sobre seu relacionamento com Jesus. Era algo muito diferente de tudo o que eu já havia ouvido antes.

“Você pode nascer de novo e ter um relacionamento pessoal com Jesus Cristo”, ele afirmou.

Essa era a primeira vez que eu escutava alguém dizer isso.

Durante o retiro, no dia 9 de junho de 1971, afastei-me para um local ermo e fiz uma oração singela que mudaria o curso da minha vida. Ao declarar a Jesus o meu desejo de nascer de novo e de ter um relacionamento pessoal com Ele, senti o ardor de Deus em meu coração.

Quando voltei para casa, estava ansioso por dar testemunho aos meus amigos, mas meu pai não ficou muito contente com meu novo entusiasmo por Jesus. Essa foi a primeira vez que me lembro de vê-lo reagir fortemente contra uma atitude minha. Minhas conversas sobre Cristo o deixavam desconcertado. Certo dia, avisei que não frequentaria mais os bares e que, se ele e aqueles homens não fossem salvos, iriam para o inferno. Embora o comprometimento do meu pai comigo não tenha diminuído, isso danificou nosso relacionamento.

Voltei às aulas no terceiro ano do Ensino Médio usando uma cruz de 23 por 15cm em volta do pescoço e andava com uma grande Bíblia católica na escola. Meus colegas me acharam esquisito e não entendiam o que havia acontecido comigo. Os alunos sussurravam: “Bickle virou religioso no verão passado e acha que é um pregador”.

Minha irmã mais velha, Sherry, que estava no último ano, chorou ao exclamar para minha mãe: “A senhora precisa fazê-lo parar com isso! Ele está humilhando a família toda carregando aquela Bíblia gigante e usando aquela cruz enorme!”

Minhas atitudes demonstravam que eu não tinha muita sabedoria ou humildade.

No verão seguinte, fui convidado por uma igreja presbiteriana a morar em uma casa de discipulado jovem com mais oito rapazes.

O pastor dos jovens nos apresentou ao seminário de Bill Gothard⁵, à Cruzada Estudantil⁶ e aos Navegadores.⁷ Fiquei entusiasmado. Durante todo o restante do ano escolar, passei a frequentar essas reuniões e a ler todos os seus materiais impressos. Depois de me formar no Ensino Médio, em setembro de 1973, ingressei na Universidade de Washington, em St. Louis, onde cursava pré-medicina e jogava no time de futebol americano. Tudo parecia transcorrer bem. Então, de repente, tudo mudou.

Quando nosso time voltou de um jogo tarde da noite em um sábado, havia um bilhete na porta do meu dormitório pedindo que eu ligasse imediatamente para o meu pai.

“Alô, pai!”, eu disse, apreensivo. “O que houve?”

“Mike, Pat sofreu um acidente; ele fraturou o pescoço e ficou totalmente paralisado”.

Peguei um trem para Kansas City às duas horas da manhã, chegando lá bem cedo. Não podia acreditar meu irmão de 17 anos havia fraturado o pescoço. Em uma fração de segundos, um atleta em perfeita saúde ficara quadriplégico sem conseguir mexer um dedo sequer, precisando de um aparelho para respirar. Tranquei a faculdade para cuidar de Pat e, um mês depois, fomos ao Instituto de Reabilitação Craig em Denver, no Colorado.

O povo de Kansas City surpreendeu nossa família ao planejar um evento a fim de angariar fundos para o tratamento de Pat. Um repórter do Kansas City Times relatou:

No dia 17 de novembro, dois jogos beneficentes no Estádio Arrowhead arrecadaram US\$43.464. Bobby Bickle estava lá naquela noite com sua esposa Peggy. Contra a luz ofuscante dos holofotes do estádio, pôde contemplar as 20 mil pessoas que assistiam ao jogo. Ele pensou na comunidade de Kansas City que se uniu para apoiar seu filho: crianças que haviam enviado moedas de um e de cinco centavos; banqueiros, comerciantes, jogadores de futebol americano, operários, fazendeiros e pessoas de todas as classes sociais que haviam se mobilizado quando foi preciso. Seus olhos começaram a brilhar sob o clarão dos holofotes e houve lágrimas naquele rosto poderoso.

“Puxa”, ele disse com a voz engasgada, “esta é a melhor cidade do mundo... Alguém precisa escrever um livro sobre esta cidade”.

Ficamos no centro de reabilitação por pouco mais de quatro meses para que meu irmão fosse submetido a um tratamento fisioterápico e eu pudesse ser treinado para cuidar dele em casa. Os enfermeiros e terapeutas me ensinaram como alimentar e banhar Pat, como fazer sua cama e virá-lo a cada duas horas para que ele não pegasse pneumonia nem desenvolvesse escaras. Mostraram-me também como escovar seus dentes, exercitar seus músculos e como lhe dar os medicamentos necessários. Inicialmente, Pat reagiu bem. Ele era um guerreiro! Porém, à medida que a realidade da situação

foi se tornando evidente, pude ver muitas questões não respondidas e uma grande dor emocional nos olhos do meu irmão.

Certa noite, meu pai falou comigo de um modo muito pessoal, em um tom estranhamente solene.

“Mike, sei que você só tem 18 anos”, ele disse hesitante, medindo as palavras e colocando a mão no meu ombro. “Sei que você ama o seu Deus. Prometa-me diante dEle que, se alguma coisa me acontecer, cuidará do seu irmão pelo resto de sua vida?”

Ele parecia intensamente sério. O pensamento de qualquer coisa acontecendo ao meu pai jamais me ocorrera. Ele tinha 45 anos e estava no auge da vida.

Eu apertei sua mão áspera e respondi sobriamente: “Sim, papai. Prometo cuidar de Pat por toda minha vida”.

Algumas semanas mais tarde, meu pai se preparava para uma curta viagem. Antes que ele entrasse no carro, eu o chamei para dizer: “Pai, eu amo o senhor!”

Ele abriu aquele seu sorriso largo, olhou para mim e disse: “Filho, eu também o amo muito e estou realmente **orgulhoso** de você”.

Essas foram as últimas palavras ditas por meu pai. Naquela noite, ele morreu repentinamente de um infarto. No dia seguinte, o Kansas City Times publicou o artigo sobre ele na primeira página do jornal. Ao terminar de ler o artigo sobre a sua morte, dobrei o jornal e coloquei-o debaixo do braço. Aquele pedaço de papel me conectava à pessoa que eu mais amava na vida. A seguir, andei até a janela e encostei a testa no vidro frio, embora não conseguisse enxergar nada através das lágrimas.

“Adeus, papai”, eu disse aos prantos. “Eu o amo e cumprirei minha promessa de cuidar de Pat”.

¹ Esporte individual no qual os jogadores usam um taco para empurrar os discos que deslizam sobre uma quadra e devem parar dentro da zona de pontuação triangular (com subdivisões) situada na extremidade oposta da quadra. (Fonte: Wikipédia.)

² Aparelho eletrônico utilizado, geralmente, em bares e lanchonetes. Tem por função tocar músicas escolhidas pelo cliente que estejam em seu catálogo. (Fonte: Wikipédia.)

³ A kipá, kippa, kipoh, ou kipa (significando cúpula), também conhecido como um solidéu (do polonês *jarmułka*, talvez a partir turco), e, às vezes, chamado de *koppel* (íidiche), geralmente feito de pano, usado por judeus para cumprir a exigência habitual realizado por autoridades ortodoxas de manter a cabeça coberta em todos os momentos. É geralmente usado por homens e, menos frequentemente, por mulheres em momentos de oração. (Fonte: Wikipédia.)

⁴ Galeria transversal de uma igreja, que separa, por meio de uma balaustrada, o coro da grande nave e forma os braços da cruz. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/transepto>>. Acesso em: 21 dez. 2015. (Adaptado)

⁵ Dr. Bill Gothard apresenta um seminário focado em cristianismo prático. O seminário centra-se em sete princípios bíblicos e é projetado para ajudar a ver a vida do ponto de vista de Deus. Disponível em: <<http://iblp.org.mx/seminarios/seminario-basico/>>. Acesso em: 21 dez. 2015. (Adaptado)

⁶ A Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo foi fundada por Bill e Vonette Bright na Universidade da Califórnia (UCLA) em 1951. Aproximadamente um ano depois, Bill Bright escreveu *As Quatro Leis Espirituais* – o folheto religioso mais amplamente distribuído na história, com aproximadamente 2,5 milhões de exemplares impressos até hoje.

Em 1960, a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo estava estabelecida em 40 *campi* nos Estados Unidos e em outros dois países. Durante este ano, o ministério começou a promover congressos e projetos missionários.

Em 1983, um evento grande chamado KC'83 aconteceu em Kansas City e atraiu 17 mil estudantes universitários. Quase uma década depois, em 1991, a Cruzada deslocou sua sede da Califórnia para Orlando, Flórida.

Em 2000, a CEPC já contava com mais de 24 mil missionários de tempo integral e mais de 500 mil voluntários treinados, servindo em 191 países.

Em 2001, o fundador Bill Bright passou a liderança para o novo presidente Steve Douglas, anteriormente vice-presidente executivo e diretor dos Ministérios dos EUA. Disponível em: <<http://alfaeomega.org.br/site/quem-somos/historia/>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

⁷ O Navigators® é um ministério cristão internacional, interdenominacional que ajuda as pessoas a crescer em Jesus Cristo como eles navegam ao longo da vida.